

Síntese de atualidade econômica e empresarial Brasil-Ásia-Pacífico Dezembro 2009/Janeiro de 2010

Henrique Altemani de Oliveira
Grupo de Estudos Ásia-Pacífico - PUC/SP – www.pucsp.br/geap

Temas:

Destaque: Investimento em Ativos Brasileiros

Banco do Brasil abre fundo de investimento no Japão

Criado Fundo para investimento do varejo japonês no Brasil

Intenção de lançar fundo com ativos brasileiros no mercado asiático

Conselho Monetário Nacional aprova a entrada da financeira Mirae no Brasil

Investimentos japoneses

Aguardando investimento japonês, Petrobras inicia obras de refinaria no Maranhão

Grupo farmacêutico japonês pretende produzir no Brasil

Vale obtém investimento japonês para hidrelétrica na Indonésia

Minérios e Energia

Acordo Petrobras/Petrochina para produção de etanol

Taiwanesa China Steel busca comprar participação na Namisa

Acordo chinês com mineradora

Diversos

Brasil-China: primeira transação sem dólar

Acordo China-Embraer para financiamento de aviões

Qualidade e Preço atraem importações brasileiras de papéis

Importação de Equipamentos Pesados da China

Esforço para a venda de carne de cavalo para a China

Veículos coreanos lideram as vendas em 2009

Transferência de tecnologia em produtos farmacêuticos

Balança Comercial

China ficou em 2009 como o principal parceiro comercial do Brasil

Ásia como o principal destino das exportações brasileiras

Destaque: Investimento em Ativos Brasileiros

Com base no crescente interesse por parte de investidores internacionais por ativos brasileiros, detecta-se crescente movimentação no lançamento de fundos e de estratégias de captação de recursos no mercado asiático. Ainda que estes esforços estiveram e ainda se concentram principalmente no Japão e na Coréia, percebe-se tendência em estendê-los para o resto da região asiática.

Banco do Brasil abre fundo de investimento no Japão

O Banco do Brasil (BB) fez sua estreia no segmento de fundos brasileiros para investidores locais de outros países. A BB DTVM, braço de gestão de recursos do banco, iniciou neste mês as operações de um fundo misto, de ações e renda fixa, voltado para investidores de varejo do Japão. Segundo Carlos Takahashi, presidente interino da BB DTVM, a carteira abriu o primeiro período de captação no fim de novembro e, até dia 14, recebeu R\$ 140 milhões em aplicações.

Os próximos planos da BB DTVM são ampliar a atuação no Japão e em outras regiões. Outra opção é o mercado asiático, onde há demanda por diversificação dos investidores. E os Estados Unidos, onde há grande volume de brasileiros, o que pode facilitar a criação de fundos para o mercado local.

(BB DTVM lança carteira mista para varejo no Japão, Valor Econômico, Angelo Pavini, 21/12/2009)

Criado Fundo para investimento do varejo japonês no Brasil

O BNY Mellon Asset Management, o braço internacional de gestão de recursos do BNY Mellon, fechou parcerias no Japão para captar recursos para um fundo de ações ativo com foco em papéis de infraestrutura e de consumo. A distribuição será feita pelas corretoras Tokai Tokyo Securities, Hamagin TT Securities, YM Securities e Utsunomiya Securities. A gestão caberá à subsidiária brasileira, a BNY Mellon Arx.

Os recursos captados serão internalizados no Brasil e, em 12 de janeiro, o fundo já começará a funcionar. O dinheiro será investido exclusivamente em ações ou American Depositary Receipts (ADR, recibos de ações) de empresas listadas na Bovespa. A carteira permanecerá aberta enquanto a casa considerar que o tamanho é adequado a uma gestão eficiente.

(BNY Mellon Arx vai gerir fundo Brasil para japoneses, Valor Econômico, Adriana Cotias, 23/12/2009)

Intenção de lançar fundo com ativos brasileiros no mercado asiático

A Legg Mason, gestora americana de recursos de terceiros com US\$ 700 bilhões em ativos, está de olho no interesse crescente dos investidores internacionais por ativos brasileiros. Depois de lançar no fim de 2008 um fundo de títulos de renda fixa brasileiros para investidores locais no Japão - com R\$ 1,6 bilhão de patrimônio -, prepara-se para oferecer mais uma carteira no mercado asiático, só que desta vez de ações ligadas ao setor de infraestrutura.

"O Brasil é muito importante para a nossa estratégia de crescimento", disse o principal executivo da Legg Mason no mundo, Mark Fetting, na sua primeira visita ao país. Um dos principais motivos é justamente o apetite crescente de investidores internacionais por ativos brasileiros. É o caso do Japão, o segundo maior mercado da Legg Mason fora dos EUA.

Mercados como China, Cingapura, Brasil e até Austrália, ressalta Fetting, não são os maiores, mas os que têm demonstrado maior crescimento.

(Legg Mason estuda fundo de ações do Brasil na Ásia, Valor Econômico, Alessandra Bellotto, 18/01/2010)

Conselho Monetário Nacional aprova a entrada da financeira Mirae no Brasil

O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou, em 16/12/2009, a entrada no Brasil do grupo financeiro Mirae, da Coreia da Sul.

O grupo vai abrir em São Paulo a Mirae Asset Securities Corretora de Títulos e Valores Mobiliários, para atuar como canal financeiro entre investidores do mercado asiático e da América Latina.

A aprovação do CMN precisa ser confirmada por decreto do presidente da República, já que a participação de estrangeiros no sistema financeiro nacional depende do reconhecimento de que o negócio é de interesse do país, conforme o artigo 52 das disposições transitórias da Constituição Federal.

(CMN aprova entrada da coreana Mirae no país, Valor Online, 16/12/2009)

Investimentos japoneses

Aguardando investimento japonês, Petrobras inicia obras de refinaria no Maranhão

As obras da refinaria 'premium' do Maranhão começaram simbolicamente em 15/01/2010 sem que tenham avançado as conversas entre Petrobras, Mitsui e Marubeni sobre uma participação das empresas japonesas no projeto, orçado em US\$ 20 bilhões. A refinaria, que será construída em Bacabeira (MA), teve sua pedra fundamental lançada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A refinaria terá capacidade de processar 600 mil barris de petróleo, volume que corresponde a um terço da atual produção da Petrobras, como a própria empresa destaca. Apurou-se não há nada fechado com o Japão para financiamento da obra ou participação acionária no projeto. Os memorandos de entendimento foram assinados em março e maio do ano passado. O diretor de abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, informou ontem que os parceiros japoneses vão ficar com participação de 20% no projeto.

(Petrobras dá partida à refinaria do Maranhão, Valor Econômico, Cláudia Schüffner, 15/01/2010)

Grupo farmacêutico japonês pretende produzir no Brasil

O grupo farmacêutico japonês Horiba Medical vai construir em 2010 sua fábrica no Brasil, ainda em local não definido, para ampliar suas atividades. Especializada na fabricação e distribuição de equipamentos e reagentes para análise e medições para diversas aplicações, sobretudo na área hematológica, a companhia pretende investir cerca de R\$ 10 milhões para erguer esta nova unidade que deverá entrar em operação até o fim de 2010. Atualmente, a empresa ocupa uma fábrica alugada no bairro de Jurubatuba, na capital paulista.

(Horiba planeja construir fábrica no Brasil em 2010, Valor Econômico, Mônica Scaramuzzo, 29/12/2009)

Vale obtém investimento japonês para hidrelétrica na Indonésia

A Vale informou ontem ter captado US\$ 300 milhões com instituições financeiras do Japão para a construção da usina hidrelétrica de Karebbe, na Indonésia. O objetivo, disse a empresa, em nota, é reduzir os custos de suas operações de níquel naquele país. Com início de operações previsto para o primeiro semestre de 2011, a usina terá investimento total de US\$ 410 milhões. □ □ A hidrelétrica será construída no rio Larona, na ilha de Sulawesi. Será a terceira usina dedicada ao abastecimento das operações da Vale na Indonésia, que no ano passado bateram o recorde de produção de 72,3 milhões de toneladas. As operações na Indonésia foram adquiridas com a compra da canadense Inco, em 2006. "Esse projeto faz parte dos nossos esforços de reduzir custos de forma permanente, já que substituirá energia termelétrica de custo mais elevado em uma operação intensiva no consumo de energia", disse a empresa.

(Vale investe em hidrelétrica, O Estado de S. Paulo, Nicola Pamplona, 01/12/2009)

Minérios e Energia

Acordo Petrobras/Petrochina para produção de etanol

Depois de deixar a área de etanol hibernando devido à euforia com o pré-sal e, depois, por conta da crise, a Petrobras começa a deslanchar projetos e aquisições no segmento de biocombustíveis. □ A estatal fechou, em 23/12/2009, acordo com a PetroChina para estudar um projeto de produção de etanol no Brasil, em que as duas seriam sócias, além de contratos de exportação. □

O acordo com a PetroChina ocorre devido à decisão do governo chinês de adotar, em algumas Províncias, a mistura de 10% de gasolina no etanol. No entanto, o país não dispõe de produção relevante que permita a mistura com insumo nas proporções estipuladas. Os estudos para viabilidade do projeto podem levar até seis meses. □ Ao mesmo tempo, a China vai reduzir, no próximo ano, as alíquotas de importação de etanol de 30% para 5%. As negociações para a redução se darão com a PetroChina e a Petrobras Biocombustíveis.

(Petrobras fecha acordo com PetroChina para a produção de etanol, Folha de São Paulo, 24/12/2009)

Taiwanesa China Steel busca comprar participação na Namisa

A companhia siderúrgica China Steel, de Taiwan, anunciou que fechou um acordo com os maiores acionistas japoneses da mineradora brasileira Namisa, para a compra de 1% da empresa.

O conselho de diretores da empresa taiwanesa aprovaram a compra de 0,5% da Namisa da produtora de aço Sumitomo Metal Industries e mais 0,5% do grupo Itochu Corporation, em um custo total de 8,5 bilhões de ienes (US\$ 94,55 milhões). As companhias japonesas até então detinham 16% e 2,64% da mineradora brasileira, respectivamente.

Em dezembro do ano passado, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) vendeu 40% da Namisa para grupo nipo-coreano Big Jump Energy por US\$ 3,08 bilhões, que tem como acionistas a Itochu Corporation, a JFE Steel, a Nippon Steel, a Sumitomo Metal Industries, a Kobe Steel, a Nisshin Steel e a Posco.

(China Steel faz oferta de US\$ 94 milhões para comprar 1% da Namisa, Valor Online, 18/12/2009)

Acordo chinês com mineradora

A MMX, empresa de mineração do Grupo EBX, celebrou com a Wuhan Iron and Steel (Group) Co. ("WISCO"), terceira maior siderúrgica chinesa, contrato de subscrição de ações. O contrato estabelece os termos e condições para a subscrição privada pela WISCO de novas ações ordinárias da MMX pelo valor total de US\$400 milhões, que resultará em participação acionária de 21,52% do capital social da MMX.

No início das negociações Wisco pretendia adquirir apenas 9% da MMX Sudeste, no entanto, expandiu sua oferta visando ter acesso às plantas da mineradora brasileira no Chile – ainda que não estejam em fase de produção de minério, oferecem baixos custos de transporte para China via Oceano Pacífico.

Caso a operação venha a ser aprovada pelas autoridades governamentais competentes, esse será o maior investimento realizado por empresa chinesa no Brasil.

Paralelamente, a EBX celebrou acordo de cooperação com a WISCO que prevê a possibilidade de formação de uma *joint venture* com a finalidade de construir e operar planta siderúrgica no Distrito Industrial do Super Porto do Açu, no litoral do Rio de Janeiro.

Caso o projeto venha a ser concretizado, a nova siderúrgica deverá ter capacidade produtiva inicial de, no mínimo, 5 milhões de toneladas de aço por ano e 70% de seu capital social deverá ser detido pela empresa chinesa, enquanto a EBX possuirá os 30% restantes.

O movimento da Wisco objetiva diversificar o fornecimento de minério para China.

Ao longo de 2009, o governo chinês e as três grandes empresas produtoras de minério de ferro tentaram sem sucesso estabelecer o preço da matéria prima. Ao diversificar seus fornecedores, a China está tentando aumentar seu poder de negociação de preço com as três maiores mineradoras do mundo, Vale, Rio Tinto e BHP.

(Wisco fecha acordo com MMX e diversifica fornecimento de minério para China, Carta da China, Ano 6, no. 52, 17/12/2009)

Diversos

Brasil-China: primeira transação sem dólar

O Brasil e a China fizeram sua primeira transação comercial sem usar dólares, intercambiando reais e yuans. A operação foi feita pelo Bank of China em São Paulo para a fábrica de aparelhos de ar-condicionado Gree, instalada na Zona Franca de Manaus.

A filial brasileira da Gree depositou no final de outubro R\$ 1,72 milhão no banco em

São Paulo, valor que foi retirado apenas três dias depois na China já convertido em yuans. A remessa serviu para pagar peças importadas da China.

O diretor do Bank of China em São Paulo, Zhang Jianhua, disse que "o uso das moedas dos países reduz a flutuação das taxas de câmbio". Ele aposta que outras empresas chinesas com atuação no Brasil vão preferir fazer suas remessas com a conversão direta de reais para yuans.

(Brasil e China fazem 1ª transação sem dólar, Folha de São Paulo, Raul Juste Loes, 04/12/2009)□

Acordo China-Embraer para financiamento de aviões

A Embraer anunciou um acordo de financiamento e leasing de aviões que pode chegar a até US\$ 2,2 bilhões nos próximos três anos.

O acordo, acertado com a chinesa CDB Leasing, mantida pelo China Development Bank, tem como objetivo aumentar as oportunidades de aquisições de aeronaves da Embraer dentro da China e no exterior, focado no desenvolvimento da aviação regional naquele país, informou a fabricante brasileira de jatos em comunicado. O acerto permite à CDB Leasing oferecer financiamento a companhias aéreas e também pode permitir à instituição considerar a compra direta de aeronaves da Embraer para aluguel.

(Embraer faz acordo na China para financiar aviões, O Estado de S. Paulo, 12/12/2009)

Qualidade e Preço atraem importações brasileiras de papéis

Ao mesmo tempo em que investe no aumento da capacidade instalada, embalada pelo ritmo exuberante de expansão da economia chinesa, a Asia Pulp & Paper (APP) começa a mostrar crescente interesse em ampliar e consolidar as exportações para o Brasil. É cedo para dizer até onde ela pode avançar sobre o mercado de papel no país, mas o poder de fogo exibidos pela empresa, uma das maiores do mundo no setor de papel, é suficiente para tirar o sono dos concorrentes. Com faturamento anual da ordem de US\$ 10 bilhões, a APP tem capacidade para fabricar cerca de 10 milhões de toneladas de papel por ano em 16 fábricas na China e na Indonésia, onde fica a matriz do grupo controlador Sinar Mas. O volume supera toda a produção e o consumo aparente do produto no Brasil em 2008, de 9,4 milhões e 8,1 milhões de toneladas, respectivamente.

O saldo comercial com a APP ainda pende a favor do Brasil, que neste ano deve exportar 500 mil toneladas de celulose para a empresa, ante 270 mil em 2008, e comprar dela 90 mil toneladas de papel.

O Brasil é o maior fornecedor individual de celulose para a APP, que importa cerca de 2 milhões de toneladas por ano e produz 3,5 milhões de toneladas em fábricas próprias na China e na Indonésia. Mesmo assim, pelo menos por enquanto, a empresa não pretende instalar uma unidade para produzir a matéria-prima no Brasil porque quer manter o foco na fabricação do produto acabado.

(Gigante Asiática mira o mercado brasileiro, Valor Econômico, Sérgio Bueno, 23/11/2009)

Importação de Equipamentos Pesados da China

O grupo paranaense JMalucelli abriu sua 45ª empresa, a J.Malucelli Máquinas, e vai ser o representante autorizado em quatro Estados de duas grandes fabricantes chinesas de equipamentos pesados, a XGMA e a Zoomlion. Elas são concorrentes no país de origem e, aqui, atuarão no mesmo espaço com produtos diferentes. O primeiro pedido de importação, no valor de R\$ 13 milhões, será feito em fevereiro. Outros R\$ 5 milhões estão sendo usados na montagem de estrutura, treinamento de pessoal e divulgação dos produtos.

O JMalucelli é um dos maiores grupos empresariais do Paraná e fatura cerca de R\$ 1,5 bilhão por ano. Ele já tem, desde 1993, a J. Malucelli Equipamentos, para

revenda de produtos das fabricantes Case, Hyster e Dynapac. A operação com as chinesas terá gestão separada das outras, para evitar conflitos entre as marcas. (JMalucelli vai vender máquinas chinesas, Valor Econômico, Marli Lima, 15/01/2010)

Esforço para a venda de carne de cavalo para a China

A exemplo do que acontece com a carne bovina, outro elo da cadeia de proteína animal que o Brasil tem relevância no mercado internacional está sendo bastante influenciado por barreiras impostas por importadores. Desde 2006, as exportações brasileiras de carne de cavalo in natura entraram em declínio e o movimento foi ainda mais acentuado em 2009, fazendo com que os embarques voltassem aos níveis do início da década. A expectativa é que as vendas externas do ano sejam inferiores a 25 mil toneladas, uma queda de 10% em relação a 2008.

O principal motivo para o recuo é que a União Europeia, destino de 70% das exportações brasileiras de carne de cavalo, passou a ser mais rigorosa com suas compras.

Mesmo com maiores exigências pra exportação e uma queda na demanda por conta da crise internacional, considera-se que 2010 pode ser um ano melhor para o setor. Os frigoríficos estão trabalhando no aperfeiçoamento dos sistemas de rastreabilidade e o governo, junto com a iniciativa privada, está atuando na abertura do mercado chinês, fato que pode reaquecer as exportações.

(Exportador de carne de cavalo de olho na China, Valor Econômico, Alexandre Inacio, 30/12/2009)

Veículos coreanos lideram as vendas em 2009

A Hyundai foi a marca de veículo que mais cresceu em vendas no mercado brasileiro, com alta de 47,8% em 2009 em relação a 2008. Sua conterrânea Kia vendeu 23,7% a mais na comparação com o ano passado, porcentual que só fica atrás da japonesa Nissan, com crescimento de 30%, e da alemã Mercedes-Benz, com 26%. Marcas mais tradicionais como a Ford e a Volkswagen cresceram 16% e 15%, respectivamente, enquanto a Fiat e a General Motors apresentaram desempenhos 9% e 4,3% melhores, de acordo com os resultados de vendas até novembro do ano passado divulgados pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

(Montadoras são as que mais crescem no País, O Estado de S. Paulo, Cleide Silva, 03/01/2010)

Transferência de tecnologia em produtos farmacêuticos

O laboratório nacional EMS, o maior do país, assinou ontem acordo de transferência de tecnologia com o laboratório chinês Shanghai Biomabs para o desenvolvimento e produção de medicamentos biotecnológicos.

Esse acordo marca a entrada do laboratório no segmento de biofármacos. O foco será em tecnologia para produção de medicamentos de última geração, entre eles os chamados anticorpos monoclonais, que atuam de forma precisa em doenças graves, como câncer, por exemplo.

A companhia fez parte de uma delegação que acompanhou o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, em viagem à China. O ministro participou da cerimônia de assinatura do acordo entre os dois laboratórios.

(Grupo EMS fecha acordo com laboratório chinês, Valor Econômico, Mônica Scaramuzzo, 10/12/2009)

Balança Comercial

China ficou em 2009 como o principal parceiro comercial do Brasil

A revisão para cima das exportações para a China tornou o país asiático o principal parceiro comercial do Brasil em 2009. Segundo números divulgados em 14/01/2009

pelo Ministério do Desenvolvimento, a corrente de comércio entre o Brasil e a China somou US\$ 36,1 bilhões no ano passado, contra US\$ 35,8 bilhões divulgados no início do mês. Soma das exportações e importações, a corrente de comércio serve para medir o fluxo comercial entre dois países ou blocos econômicos.

Com os novos números, a China ultrapassou os Estados Unidos como principal parceiro comercial do Brasil. Em 2009, a corrente de comércio com os Estados Unidos atingiu US\$ 35,9 bilhões, resultado de exportações de US\$ 15,7 bilhões e importações de US\$ 20,2 bilhões.

De acordo com o ministério, a alta de US\$ 300 milhões nas exportações para a China elevou o fluxo comercial entre o Brasil e o país asiático. Após a revisão dos dados, as vendas do Brasil para o mercado chinês somaram US\$ 20,2 bilhões no ano passado, contra US\$ 19,9 bilhões inicialmente divulgados. As importações da China foram mantidas em US\$ 15,9 bilhões.

A revisão não alterou a liderança da China como principal destino das mercadorias brasileiras. Os números apresentados no início do mês já apontavam o país asiático como o maior exportador do Brasil. Na corrente de comércio, no entanto, a China aparecia atrás dos Estados Unidos na lista dos maiores parceiros comerciais do Brasil.

(Com revisão, China vira principal parceiro comercial, Valor Econômico, 15/01/2010)

Ásia como o principal destino das exportações brasileiras

Como apontado, a China, em 2009, passou a ser o principal parceiro comercial do Brasil, mantendo a primeira posição como principal destino das exportações brasileiras e a segunda posição como origem das importações brasileiras, atrás dos Estados Unidos.

Em decorrência dos efeitos da crise financeira internacional do final de 2008, detecta-se, no total do ano consolidado, queda tanto nas exportações (-22.7%) quanto nas importações (-26.2%).

Mas, o que mais se destaca é o fato da Ásia ter se tornado, pela primeira vez, o principal destino das exportações brasileiras (25.8%), deslocando o tradicional posto mantido pela União Européia (22.3%). Sem dúvidas, que esta maior importância da Ásia decorre, em especial, da performance das exportações para a China (+23.1%), mas igualmente da forte expansão da colocação no mercado indiano (+209.8%). Provavelmente esta ampliação das vendas para a Índia não se mantenha já que esteve basicamente atrelada à venda de açúcar de cana devido à quebra da safra de cana na Índia (US\$ bi 1,326 em 2009 contra US\$ mi 43,664 em 2008). Mas detecta-se também significativo crescimento na exportação de óleo bruto de petróleo para a Índia (US\$ bi 872,717 em 2009 contra US\$ bi 12,956 em 2008).

Como a Ásia é igualmente a principal origem das importações brasileiras (28.3%), mantém-se como o principal parceiro comercial do Brasil, em termos de blocos econômicos.

	EXPORTAÇÃO					IMPORTAÇÃO				
	2008	%	2009	%	Varição	2008	%	2009	%	Varição
China	16.403	8.3	20.191	13.2	+23.1	20.040	11.6	15.911	12.5	-20.6
Coréia	3.119	1.6	2.622	1.7	-15.9	5.412	3.1	4.818	3.8	-11.0
Índia	1.102	0.6	3.415	2.2	+209.8	3.564	2.1	2.191	1.7	-38.5
Japão	6.115	3.1	4.270	2.8	-30.2	6.807	3.9	5.368	4.2	-21.2
Ásia	37.442	16.8	39.426	25.8	+ 5.3	47.125	27.2	36.142	28.3	-23.3
EUA	27.423	13.9	15.740	10.2	-43.1	25.628	14.8	20.183	15.7	-21.9
UE	46.395	23.4	34.037	22.3	-26.6	34.037	22.3	29.216	22.9	-19.3
ALADI	43.095	21.8	29.897	19.5	-30.6	27.281	15.8	21.884	17.1	-19.8
Total	197.942		152.995		-22.7	173.197		127.647		-26.2

Las opiniones expresadas y la información mencionada en este documento pertenecen a su autor, autores o a las fuentes citadas y no representan necesariamente la opinión del Observatorio Iberoamericano de Asia-Pacífico ni de las instituciones de las cuales depende o que lo patrocinan. Éstas no hacen propios los contenidos del documento y no son responsables ni de su autoría ni del uso que se pueda hacer de los mismos.